

Oi, eu sou a Lia.

Autora

Rosangela Gomes de Andrade.

Me chamo Lia e vim contar minha história para vocês.

Nasci em uma das Serras da Chapada Diamantina na Bahia e passei boa parte da minha infância e adolescência, morando em uma casa isolada, em um pequeno Vilarejo.

Meus pais, trabalhavam na produção de sisal e ganhavam dinheiro somente para comprar feijão, arroz, temperos e sabão em pedra para lavar as poucas roupas que tínhamos, doadas pelos parentes da cidade.

Minha mãe, acordava bem cedinho para preparar a marmita que iria alimentá-los durante todo o dia e eu aproveitava para tomar o café da

manhã com eles, (quase sempre era farofa de feijão), depois juntava toda a louça suja em um Balaio feito com cipó trançado e ia lavar no córrego que passava nos fundos da casa, após ajeitar a casa da melhor maneira possível, era hora de me arrumar para ir para a escola, e meus pais seguiam para a colheita de sisal.

A escola, ficava a 4 km e eu fazia todo o percurso a pé, por isso, tinha que sair muito cedo de casa; caso contrário chegaria atrasada e não poderia participar da primeira aula, perderia ponto e ganharia um F na caderneta do professor.

Na escola, mesmo muito acanhada, participava de todas as tarefas escolares.

Meus amigos eram somente os colegas da escola, porém do Vilarejo onde eu morava, eram somente dois; o Bento e a Olívia, que os colegas a chamavam de Olívia Palito mesmo ela sendo bem gordinha.

Quase todos os adultos do Vilarejo trabalhavam na plantação de sisal, exceto Seu Osvaldo, pai do Bento, que trabalhava em um barzinho que ele mesmo construiu.

Durante a tarde, eu, o Bento e a Olívia reuníamos em frente ao bar do Senhor Osvaldo e após terminar algumas tarefas escolares para casa, brincávamos de pique-esconde, pega-pega, pular corda com uma corda de sisal, e giribita, que é uma brincadeira com pedras.

(São cinco pedrinhas de mais ou menos 20 gramas, cada participante, solta as Pedrinhas todas ao mesmo tempo, a uma altura de 20 cm do chão... tem que dar a sorte de não cair juntas ou espalhadas demais... depois, vai jogando uma das Pedras para cima e pegando as que estão espalhadas no chão, cada fase, aumenta a quantidade de Pedrinhas a serem apanhadas no chão, o participante que deixar a pedra que vai ao ar cair ou mexer em alguma das Pedras do chão fora de hora, vai passando a vez para o outro. Quem conclui as cinco etapas, põe as cinco pedras atrás da mão aberta, joga todas para cima, apara com a frente da mão e torna a jogar para cima rapidamente, aparando com as costas da mesma mão. a quantidade de pedras que ficar na mão conta como ponto. Assim, a brincadeira vai passando de um em um e quando se cansam de jogar, contam os pontos e quem tiver mais pontos vence a partida).

A gente brincava que nem via a tarde passar, depois ia cada um para sua casa, pegar água no córrego para tomar banho, jantava e ia dormir, para no outro dia, começar tudo outra vez.

Um dia, Senhor Osvaldo recebeu em sua casa, alguns homens que vieram passar as férias curtindo um pouco do nosso lugar; e esse

peçoal, veio com uma conversa de que tinha Muitas vagas para servente de pedreiro no Rio de Janeiro, e se ele não teria interesse em trabalhar na cidade grande. disseram também, que ele poderia chamar quantos amigos quisesse e que lá na cidade, tinha moradia gratuita para todo trabalhador.

Senhor Osvaldo, falou da proposta com meu pai e ele aceitou imediatamente.

Terminado as férias, os turistas foram embora e senhor Osvaldo e meu pai, partiram juntos com eles.

No primeiro mês meu pai me mandou um livro, fiquei tão feliz, que passei dias lendo e relendo aquela história.

Sempre que meu pai recebia o salário que era pouco, ele mandava um algum dinheiro para minha mãe e eu.

Passados 4 anos, papai sem férias porque vendia todas as vezes os poucos dias de férias que tinha, minha mãe cismou de se mudar para o Rio de Janeiro.

arrumou as nossas bolsas, comprou nossas passagens em um ônibus clandestino e partimos ao encontro do meu pai.

Chegando lá, meu pai já estava nos esperando e por isso, tinha alugado um quartinho. o lugar era bem pequeno e nosso fogão tinha que ficar na beirinha da porta, fazendo com que a porta abrisse somente até a metade. meu pai conseguiu um colchão velho para eu dormir e, minha mãe, dormia com ele numa cama de solteiro.

Foi muito difícil para mim, não pensava que fosse tão difícil, viver longe dos meus amigos de infância e da minha antiga casa, no interior da Bahia.

Eu estava na quinta série nessa época, e tinha que encontrar uma escola para terminar os estudos. não conhecíamos ninguém, então eu e minha mãe saímos perguntando até encontrarmos uma escola municipal, que dava para ir a pé.

Tivemos que esperar minha transferência, (naquela época as coisas demoram alguns dias para chegar) e eu finalmente me matriculei e comecei a estudar.

Entrei na escola, depois de um mês que as aulas tinham começado e todos já se conheciam. meninos e meninas, da cidade grande, todos desinibidos.

a professora entrou na sala e já foi olhando para mim.

- olha temos uma nova aluna na sala

- ela falou

- Olá? seja bem-vinda a nossa turma! Me chamo Fabiane e sou a professora de história, e você como se chama?

Queremos lhe conhecer melhor, se apresente menina bonita.

Nessa hora, senti como se algo quente e desagradável, envolvesse meus braços e pernas, que perderam os movimentos e minha boca sussurrou meu nome bem baixinho,

- eu sou a Eliana.

falei tão baixo, que quase ninguém ouviu.

Então oivi muitos risos e meu corpo congelou de vez, era como se estivesse com paralisia do sono. então uma menina, veio em minha direção, sentou do meu lado e perguntou baixinho:

- Como é seu nome?

Ela perguntou.

- Eliane Pereira da Conceição, respondi.

- Você é de onde? ela perguntou:

Eu, toda trêmula;

- Da Bahia, de um povoado chamado Serra dos Cristais na Chapada Diamantina.

Ela, Então fala.

Eu olhei para toda aquela gente, tentei falar, mas o coração acelerou e não consegui. Então ela levantou e me apresentou para a turma;

Ela

- pessoal, essa aqui é a Eliane, é da Serra dos Cristais na Chapada de Diamantina na Bahia,

E, com um sotaque mais lindo, ela ainda acrescentou:

- ela veio para cá para ficar perto do pai dela e por isso, vai estudar aqui com a gente. ai de vocês, se alguém mexer com minha amiga, vão se ver comigo e com meu pai, que é policial.

O pai dela era mesmo policial, mas não gostava nada que ela falasse assim com os colegas. porém eu, naquele momento, respirei aliviada. Ufa! ainda bem que não teria mais que me apresentar, e, parece que ganhei uma amiga.

Só sei que daquele dia em diante, as amigas de minha mais nova amiga Sara, passaram a me chamar para fazer tarefas escolares na casa delas, e, aos poucos, fui refazendo meu grupinho de amigos.

O ano passou depressa, as aulas acabaram e, Finalmente chegou o Natal

As ruas todas enfeitadas, tudo brilhando, a cidade estava muito linda. meu pai tirou folga e fomos passar na casa do Senhor Osvaldo, o único amigo que meu pai tinha no Rio.

Chegando lá me senti muito feliz, pois Bento e Sua Mãe haviam chegado.

Nossa que saudade que eu estava do Bento. eu e Bento, ficamos conversando à tarde inteira e até a hora da ceia de Natal. Fiquei sabendo que a Olívia e seus pais, se mudaram para São Paulo e que, a Vila onde a gente morava, não tinha mais ninguém para brincar só ficara quatro casais sem filhos, porque já estavam velhos e não queriam enfrentar a correria da cidade grande.

A casa de Senhor Osvaldo, era bem maior que a nossa. tinha um quarto, uma sala, uma cozinha, um banheiro, e ainda tinha uma pequena área, onde se lavava roupas.

que luxo! na sala, tinha um sofá antigo de três lugares, coberto com um lençol para não aparecer as espumas, tinha também uma TV 14 polegadas em cima de um tamborete de madeira e couro, e uma esteira de palha de Palmeira, que Senhor Osvaldo trouxera da Bahia. na cozinha uma geladeira bem antiga e um fogão quatro bocas sem forno, fazia parte da mobília. tinha também uma mesa com quatro tamboretas embaixo, e, no quarto, somente um colchão de casal, com um lençol de retalho feito por dona Carmem a esposa do seu Osvaldo. tudo naquela casa era muito limpinho, até o piso queimado que era rachado, brilhava. Sem contar no cheiro gostoso que a casa exalava.

Fui para casa imaginando como seria se tivéssemos uma casa igual aquela. que Natal maravilhoso.

Passados 5 dias, meu pai teve mais um dia de folga para comemorar o ano novo, porém, optou por ficar jogando baralho em casa com minha mãe e eu. de noite, fomos ver os fogos embelezar mais uma vez, a cidade.

O novo ano mal começou e minha mãe decidiu que teria que encontrar um emprego, para ajudar meu pai com as contas de casa. procuramos em todo o bairro e nada, até que vimos em um jornal anunciando uma vaga para empregada doméstica. fomos atrás dos contratantes e minha mãe ficou com a vaga.

Depois que minha mãe começou a trabalhar, tudo melhorou na nossa casa. ainda não dava para juntar dinheiro, Porém, alugamos uma casinha maior.

Nossa nova casa, tinha um quarto de casal e outro bem Estreito, que cabia minha cama de solteiro bem apertada e um caixote de madeira nos pés da cama, por sinal já estava na casa quando alugamos. uma salinha minúscula, uma cozinha pequena, um banheiro e uma área, que minha mãe usava para estender roupas.

Sempre que dava, eu ia com mamãe ajudar na faxina, para ela sair mais cedo.

As aulas voltaram, tive os mesmos amigos do ano anterior e conheci um rapaz chamado Edgar, muito legal, Conversamos bastante e nos tornamos amigos. o que eu sentia era muito mais que amizade, porém, nunca disse isso a ninguém, nem mesmo a ele.